

ARTE ABSTRATA: UMA NOVA FORMA DE COMUNICAÇÃO QUE EXIGE REALFABETIZAÇÃO VISUAL. UM PRINCÍPIO DIFERENTE DE EDUCAR

Marlene Fortuna

UMBERTO ECO

RESUMO:

A comunicação com o outro: fruidor, é objetivo de todas as artes. Elas contém, em seu cerne, uma maneira peculiar de educar. Educar para a sensibilidade, educar para a ativação das emoções, educar para a visualidade, educar para formas novas de inteligência artística. Porém, dentre todas elas, há uma que tem peculiaridade muito definida na dialogia educação/comunicação: é a Arte Abstrata. A pulsão da cor ou a matéria simbiotizada nela mesma, sem referência com a realidade exterior - condições próprias da arte abstrata, em qualquer suporte (bi ou tridimensional), exigem do receptor outro viés de análise, um novo preparo ótico-cognitivo, uma realfabetização visual que a Arte Figurativa não exige. São os seguintes os elementos de sua análise: ponto, linha, plano, contorno, direção, tom, cor, textura, escala, dimensão, proporção, massa, volume, movimento, ritmo, equilíbrio, tensão, nivelção, aguçamento, harmonia, contraste, atração, agrupamento, composição, arranjo. Saber ler estes elementos na arte abstrata, implica em saber analisá-la, e analisá-la é comunicar-se com ela, é comunicar-se com o mundo e é educar-se através dela, educar sentidos, ideologias, visões de arte e percepções outras.

“No fundo, a forma torna-se esteticamente válida na medida em que pode ser vista e compreendida segundo múltiplas perspectivas, manifestando riqueza de aspectos e ressonâncias, sem jamais deixar de ser ela própria”.

Arte abstrata: uma forma de comunicação visual peculiar. Educa, também peculiarmente, para os sentidos, para um mental diferente, para uma maneira de ver a própria arte, tendo os reconhecimentos da realidade como inexistentes e inessenciais. É um meio de expressão e comunicação que se pode considerar exótico. Através dela vamos penetrando, com abertura, o

sentido das coisas. Uma comunicação plural. Os recursos icônicos da arte abstrata tendem a ser subversivos com a extirpação da realidade fenomênica e reconhecível. Por sua própria natureza, procura caminhos de inconformidade e ruptura.

A virada do séc. XIX/XX foi marcada por uma infinidade de acontecimentos e descobertas em todas as áreas do domínio humano. Dado ao rápido correr do tempo, além de outras razões, tivemos em um século maior quantidade de acontecimentos demarcadores de evolução, do que em dezenove séculos precedentes. Pois bem, toda esta configuração do tempo em ebulição, levou o homem do séc. XX a procurar a abstração. Abstração que já estava nele, que já existia nele, que sempre foi dele, mas que agora materializa-a imageticamente em forma plástica. A pintura abstrata é o sintoma de um momento histórico surpreendente para o chamado *homem moderno*.

Foi num momento assim de mudança social, política e econômica, pós-revolução industrial e suas conseqüências, que surgiu a moderna arte abstrata. As considerações que fazemos de sua manifestação plástica, devem-se muito ao fato de se aceitar essa inusitada forma de expressão como a que apareceu para satisfazer as novas necessidades, para adaptar o homem a “outras realidades” ainda desabituais, ou para inquietar ainda mais suas esferas emocionais e espirituais.

Afirma-nos Dora Valier:

“... o surgimento desta nova forma criadora, representou não só causa e conseqüência de um tempo histórico, mas uma espécie de denúncia à prisão cultural vivida por muitos que repelem a arte abstrata, criticando a intensidade reflexiva de sua propulsão: porque o desconhecido aterroriza tanto, quando penetra em nossos espaços de exclusividade? ‘Por que’, como nos afirma D. A. Dondis, em seu livro ‘La sintaxis de la imagen’, ‘só vemos ou queremos ver o que conhecemos, ou ainda, só vemos o que necessitamos ver ou o que corresponde as nossas identificações?’ Acaso não viria a questionar, a pintura abstrata, com seu ‘jeito novo de ser’, as noções de ilusão, ou de ilusão de realidade, ou de mimesis, aspectos consagrados no absolutismo figurativo da Arte Clássica? Esta propalada ilusão se

encontra verdadeiramente na obra ou no fruidor, que sempre desejando ‘ver’ alguma coisa, choca-se ou deleita-se com a pintura abstrata, porque nela ‘vê tudo’ ou nela ‘nada vê’? Somos talvez condicionados a ver as coisas ‘ilusoriamente’...?¹ .

O que comunica e educa na arte abstrata é a ordem lógica a qual Kandinsky se refere. Precisamos ter repertório para entender e interpretar esta ordem lógica. Nada é fortuito nela. Nada é aleatório. Nada é arbitrário, embora pareça. As cores, com sua musicalidade própria tem lugar certo para serem colocadas. Alteração de lugar representa alteração de força, energia, tensão e equilíbrio na tela, se for o caso da pintura. E isto também altera o valor. Portanto, dizer que os valores são sempre iguais em toda e qualquer arte abstrata, é um grande engodo.

Kandinsky aduz:

*“... século XX - aparecimento de uma nova síntese [...], início do emprego dos **elementos**. Avaliação cada vez mais consciente das **forças intrínsecas da imagem, tensões**. A materialização da imagem é considerada portadora de uma **força interior** e digna de um **novo raciocínio**. A forma só é importante e significativa vista deste ângulo”² .*

Muitas vezes, a comunicação na arte abstrata, degenera-se por incompetência do próprio receptor que emite manifestações assim: “isto é qualquer coisa”, “não entendo”, “até meu filho de três anos faz”, “é um borrão só”, “não é arte” e outros despaltérios. Isto prova uma carência de instrumentais intelectivos do receptor para a correta leitura da arte abstrata. Ora, a falta de competência leva a uma comunicação incompetente e conseqüentemente a uma educação para o olhar também desconectada de sentido. Ao invés da arte abstrata educar para uma nova sensibilidade, deseduca, e o sujeito fica desejando na tela, elementos reconhecíveis: pessoas, paisagens, céus, mares, montanhas, florestas, terras, ambientes internos, etc... Tudo identificável. Mas a arte que substitui tais elementos apenas pela cor, por exemplo - arte abstrata, perde seu

¹ VALIER, Dora. *A arte abstrata*, p. 128.

² KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*, p. 37.

valor? Jamais! São outros valores que se impõem, outras avaliações, outras circunstâncias de criação, outras poéticas plásticas, outras diretrizes estéticas.

Vejamos:

*“... é com a arte abstrata que se atingem os **elementos puros** e que se pode abordar a **composição** segundo leis. Assim, observa-se uma libertação progressiva da **cor** , e depois da **forma** , em relação ao objetivo, libertação que conduz à **composição pura**. Atualmente a arte abstrata evolui, segundo Kandinsky, em duas direções: uma, baseada numa análise materialista, é o **construtivismo** e o **neoplasticismo** russos, nascidos das investigações de Kasemir Malevitch, e cuja expressão se encontra no famoso manifesto realista de Naum Gabo e Antoine Pevsner. Outra, que parece merecer a preferência do autor, baseia-se na análise e na síntese. Afasta-se do materialismo. É um meio de atingir um objetivo, que é unidade do interior e do exterior, e está voltado para o futuro: os **elementos puros**, a **desmaterialização**, a **união do concêntrico** e a **necessidade interior** permitem todas as **composições possíveis**”³ .*

A arte abstrata goza de uma comunicação específica porque sua nova codificação não é factível com os parâmetros cognitivos, lingüísticos e racionais do senso comum. Cria-se, com a abstração, uma nova ideologia, uma outra razão estética, uma filosofia nas artes que tem nos acompanhado até hoje (não nos esqueçamos que a arte abstrata tem seu marco, aproximadamente, em 1910, com Kandinsky) e acabou se transformando na mais difundida das artes atuais.

A pintura abstrata advém de um padrão mental inerente ao homem de todos os tempos. Padrão este ao qual chamamos: abstração. O que o homem faz é apenas tornar visível, tangível e consubstanciável tal padrão em arte. A abstração sempre existiu com o homem, ele tem uma capacidade abstrativa de origem, e passa a operá-la em forma plástica na pintura abstrata. A abstração é uma atividade mental de seleção e síntese. As tribos primitivas e antiquíssimas, os

homens do neolítico, por exemplo, em muitos dos seus desenhos, não faziam nenhuma referência à realidade exterior, e sim à própria composição em si.

Em função destas afirmações, eis as posições de Cocteau, em um estudo dedicado a Picasso:

“... la vida de un cuadro es independiente de lo que imita. Podemos admitir un ordenamiento de líneas vivas, lo que motiva que estas líneas dejen de vener el primer papel principal, para pasar a ser un pretexto. Desde este estadio a concebir la desaparición del pretexto, solo media un paso. La finalidad pasa a ser motivo; he aquí que en 1912 asistimos al golpe de audacia más incisivo de la historia de la pintura [...] Qué queda? Un cuadro, y ese cuadro no es nada más que un cuadro”⁴.

A arte abstrata, com sua nova forma de comunicação e sendo um princípio diferente de educar não procura reproduzir as formas e as cores naturais. Tem como ambição criar formas puras e soltas, construídas com os elementos mesmos da pintura que, arranjados livres ou controladamente em estados sucessivos de tensão, constroem a coluna vertebral da pintura abstrata que é a **composição**. Com isto, Kandinsky, considerado o mentor ideológico da pintura abstrata, cria parâmetros para “fazer calar” todo o figurativismo até então consagrado.

O que Kandinsky prova em sua teoria é que os elementos (ponto, linha, plano, contorno, direção, tom, cor, textura, escala, dimensão, proporção, massa, volume, composição, arranjo, movimento, ritmo, equilíbrio, tensão, nivelação, aguçamento, harmonia, contraste, atração, agrupamento) são submetidos a uma organização inteligente e criativa na obra. Elementos que em si mesmos seriam só elementos isolados, mas que relacionados criam zonas de tensão (força virtual) “amarradas” em cima de todo um sentido de direção (força em ato). Esta síntese da energia na obra que o pintor propõe para a nova ciência, implica no caminho das **ressonâncias interiores** que representam, além de outras razões, a passagem do estático ao dinâmico na Imagem Pictórica Abstrata.

³ SERS, Philippe. *Sobre a Bauhaus*, p. 257.

⁴ DONDIS, D. A. *La sintaxis de la imagen*, p. 129.

Adotamos, para definir a expressão arte abstrata, o que nos parece responder mais prontamente ao universo de especificidades, estranhezas e imprevisibilidades que caracteriza esta forma de expressão tão discutida e questionada e que cobra do receptor uma capacidade especial de leitura, sendo portanto, um tipo também especial de comunicação icônica: abstração em arte, constitui-se de uma forma/imagem que tem poder de síntese, que ocupa um lugar no espaço, em si mesma contendo tempo, ritmo e movimento. Não é reconhecida, nem reconhecível; identificada, nem identificável; apreendida, tão pouco apreensível, pelo senso objetivo, cognitivo, lingüístico comum. Portanto, arte completamente liberta do referencial exterior, cujo referente são os próprios elementos da obra.

Em termos comunicacionais e educacionais, a arte abstrata convida o fruidor a participar mais ativamente e coniventemente com o criador na feitura da obra. O artista da arte abstrata, permite múltiplas interpretações para sua criação, tendo no receptor um co-partícipe, um reelaborador, um reexecutor e um “re-alimentador de ilusões”. **Ilusões que estão no receptor, não na obra.** Como o fruidor não tem na pintura abstrata o reconhecimento mimético do exterior e muitas vezes, pouco ou nenhum preparo para uma análise científica da obra abstrata, ele se permite “viajar” e reinterpretar a obra aleatoriamente. Daí sua cumplicidade especial para com o artista criador da estética abstrata.

Parafraseando Giovanni Cutolo: a arte abstrata, contestando os valores clássicos de acabado, definido, perfeito, absoluto e inequívoco, propõe uma obra indefinida e plurívoca, aberta, que se vem configurando como um feixe de possibilidades móveis e intercambiáveis mais adaptadas às condições nas quais o homem moderno desenvolve suas ações.

Sabemos que no processo comunicacional, a arte possui um papel primordial. Ela encharca os olhos de seu receptor com uma multiplicidade de imagens sujeitas a decodificações. Esse “decodificar” da arte abstrata, sobretudo, é uma forma peculiar de educação e comunicação. O receptor não está decodificando e lendo imagens “conhecidas”, mas pontos, linhas, contornos, direções, tons, cores, texturas, escalas, dimensões, movimentos e ritmos.

O advento de linguagens e tecnologias em abundância nos tempos atuais, levamos a aprender a codificar signos novos, revolucionários, exóticos. E assim provamos, pelo que vimos afirmando, porque a arte abstrata nos conduz a novas formas de empatia.

Afirma Ana Mae Barbosa:

“... a educação artística traça um perfil dos novos padrões que norteiam os conceitos de arte como instrumento eficaz no desenvolvimento pleno da democratização e liberdade cultural, em um tempo em que o trânsito de informação é incessante”⁵ .

A arte abstrata transmite conteúdos peculiares, que não são os da arte figurativa, mas são conteúdos que visam a ensinar. Mas ensinar o que? Ensinar novas formas de visão das coisas, das cores, da própria arte e da vida. Ela tem uma dinâmica pessoal de aprendizagem; sua visualidade conduz o receptor a uma captação visual de conhecimento e cultura. Saber ler arte abstrata é saber ler mais longe! Além de tudo, ela penetra em nosso inconsciente, despertando muitos dos nossos sentidos, sem deixarmos de lado a questão intelectual, pelo contrário.

O código pictórico puro dota a pintura abstrata de um universo auto-referente. É a matéria nela mesma. É portanto anti-mimética; tem presentidade e não representação; é realidade estética autônoma; compreende novas procuras plásticas e portanto, diante de tudo isto, ela exige uma realfabetização visual por parte do receptor. Princípio este, salutar, por não torná-lo presa fácil de uma aprendizagem meramente inconsciente ou sentimental, mas alguém que tem cultura e conhecimento suficientes para captar aquele tipo específico de comunicação visual.

“... arte é cultura, e cultura sedimentada, importante para a sobrevivência do ser humano”⁶ .

A arte abstrata foi, é, e sempre será uma vanguarda. Vanguarda que informa, forma e diretriza o olhar. Ela é uma arte polêmica, inquietante, revolucionária. Dá-nos a impressão de que todos podem fazê-la e de que portanto, todos são artistas. É só rabiscar ou jogar muitas cores sobre o papel, e pronto! Não é verdade. Todos podemos interpretá-la, com uma boa dose de realfabetização visual; todos podemos fazer qualquer arte abstrata, qualquer pulsão de cores, quaisquer traçados fundidos, mas, uma arte abstrata soberana, em nível de Kandinsky, seu criador, é muito difícil.

⁵ REVISTA E, março, 2000, nº 9, ano 6. SESC/SP.

⁶ idem, ibidem.

Contemplando Umberto Eco, a arte abstrata contém a grande democratização da arte, o que não quer dizer que não precise de inteligência para sua leitura.

É diferente apreciar a obra de arte cujo resultado final é uma impressão meramente subjetiva, de tentar decodificar seu significado. A arte abstrata reeduca o sujeito para uma decodificação inovadora, edificante. Ela compreende uma diversidade de conceitos, mas, todos eles, de caráter iconográfico bidimensional se for pintura ou tridimensional no caso da escultura: o ferro pelo ferro, por exemplo, sem nenhuma conotação com a realidade, disposto no chão.

A arte abstrata comunica, no sentido de levar seu receptor a educar-se para construir julgamentos ou juízos de valor sobre ela. Na figuração ainda há um conceito hegemônico a ser seguido pela própria figura. Na abstração o conceito é diverso diretrizado pela pulsão e fusão das cores, elas que tanto cantam, tanto tem musicalidade e ressonância, elementos que comprometem as tensões, os vários pesos e as várias medidas na obra. Exemplo: colocar um amarelo na lateral direita baixa da tela, não dá o mesmo efeito que colocá-lo na lateral esquerda alta. Alteram-se tensões, composições e arranjos, termos próprios da realfabetização visual desta especificidade de arte.

O abstracionismo propõe um chafariz de diferentes códigos, daí sua comunicação peculiar, também com codificação diferente. Mas, diferente de que? Diferente da arte clássica figurativa, uma arte da Renascença, séc. XVI, por exemplo.

Exacerbar o visual e entender sua pulsação são propriedades da arte abstrata.

Profa. Dra. Marlene Fortuna

Titular da Disciplina História da Arte da

Faculdade de Comunicação Social Cásper líbero/SP.



“IMPROVISAÇÃO N° 35”

1914

WASSILY KANDINSKY



“IMPROVISAÇÃO SEM TÍTULO”

1915

WASSILY KANDINSKY



“SEM TÍTULO, CHAMADO DILÚVIO”

1916

WASSILY KANDINSKY

BIBLIOGRAFIA:

CHIPP, Herschel Browning. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988, trad. Waltensir Dutra.

DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

DONDIS, D. A. *La sintaxis de la imagen. Introducción al alfabeto visual*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 3ª ed., 1980, colección comunicación visual.

KANDINSKY, Nina. *Kandinsky y yo*. Barcelona: Parsifal Ediciones, 1990, trad. Cristina Buchheister.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, coleção arte e sociedade nº 6, trad. Maria Helena de Freitas.

_____ *Ponto, linha, plano*. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1970, coleção arte e comunicação, trad. José Eduardo Rodil.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. *A cor eloqüente*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1994, trad. Maria Elizabeth Chaves de Mello & Maria Helena de Mello Rouanet.

SCHAPIRO, Meyer. *A arte moderna - séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves.

VALIER, Dora. *A arte abstrata*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1980, trad. João Marcos Lima.